

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Marli Porto da Mota Pretti



**Cora Coralina : no entrelaçar da poesia e
memória “a procurar o perdido tempo que
ficou pra trás.”**

Uberlândia

2015

Marli Porto da Mota Pretti

**Cora Coralina: no entrelaçar da poesia e
memória “a procurar o perdido tempo que
ficou pra trás.”**

**Monografia apresentada ao Instituto
de História da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito
parcial à obtenção do título de
graduação.**

**Orientadora: Profa. Dra. Daniela
Magalhães da Silveira**

Uberlândia

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

PRETTI, Marli Porto da Mota.

Cora Coralina: no entrelaçar da poesia e memória “a procurar o perdido tempo que ficou pra trás” /Marli Porto da Mota Pretti – 2015

Uberlândia, MG: [s.n], 2015

Orientadora: Daniela Magalhães da Silveira

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História.

1 – Cora Coralina. 2 – Memória. 3 – Literatura. 4 – Oralidade.

5 - Goiás

FOLHA DE APROVAÇÃO

**Cora Coralina: no entrelaçar da poesia e memória
“a procurar o perdido tempo que ficou pra trás**

Uberlândia, 17 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Magalhães da Silveira

Profa. Dra. Ana Paula Spini

Profa. Dra. Jorgetânia da Silva Ferreira

A minha mãe Adelina, que assim
como Cora, é uma grande
mulher.

AGRADECIMENTOS

A realização desta monografia me proporcionou grande prazer por estar trabalhando com um tema tão caro para mim. No entanto, só foi possível graças à orientação competente da professora Daniela Silveira, a quem agradeço do fundo do coração e rendo todas as minhas homenagens, especialmente pela sua demonstração de profissionalismo, amor à profissão e aos seus alunos, pois, mesmo num momento de saúde tão delicado não se absteve de continuar com seus orientados. Num momento em que exalto a figura de uma mulher, ela foi meu grande exemplo.

Agradeço às professoras Ana Paula Spini e Jorgetânia Ferreira que aceitaram fazer parte da minha defesa, apesar de que não esperava outra atitude delas. À professora Maria Andréia agradeço a disposição com que aceitou presidir minha defesa.

Ao meu marido Antônio Pretti que mesmo por algumas vezes não concordando com minhas escolhas, é sempre um grande companheiro. Minha filha Daniela, sem palavras para agradecer o carinho e o entusiasmo com minha monografia.

A toda minha família que são formidáveis sempre, em especial a minha irmã Nicinha que com toda sua experiência e conhecimento me forneceu importantes materiais para pesquisa, bem como ótimas dicas.

Por fim, agradeço aos meus colegas de graduação pela amizade e companheirismo, de forma especial Murilo Sousa e Nilzilene Lopes companheiros de todas as horas.

“Alguém deve rever, escrever e assinar os
autos do passado antes que o tempo passe
tudo a raso.”

Cora Coralina

RESUMO

A proposta desta monografia foi, por meio da obra de Cora Coralina pensar sobre a memória e a oralidade como um campo perfeitamente aplicável ao estudo da história. Para tanto, trabalhou-se com o tema da memória que é a base de seus poemas para entender como ela tenta resgatar alguma coisa do passado. Fundamentou-se nos livros da própria autora, em pesquisas de estudiosos dela, documentários e dissertações na internet, além de uma visita ao “Museu Casa de Cora Coralina”, em Goiás. Com a pesquisa concluiu-se que Cora Coralina é dona de uma extensa obra, pautada em sua maioria por um resgate de memórias de um cotidiano passado, sendo assim, traz grandes informações históricas e literárias. E que pela diversidade dos temas por ela abordados, como religiosos, telúricos, denunciadores, muitas ainda são as questões que se pode pensar em análises de seus poemas.

Palabras-chave: Cora Coralina; Memória; Literatura; Oralidade e Goiás

SUMÁRIO

Resumo	8
Introdução	10
CAPÍTULO I	
Dados biográficos da Poetisa	15
1 – O Significado da volta	17
2 – A escolha do Pseudônimo	19
3 – Formas de escrever	20
4 – A morte da Flor do Cerrado	23
5 – Publicação 1º. Livro e Reconhecimento Nacional	25
6 – Contraponto ao trabalho da poetisa	26
7 – Cora por Cora	27
CAPÍTULO II	
A poesia sobre o enfoque da memória	31
1 – Reflexões sobre memória e oralidade	31
1.1 – Goiás – Um amor incondicional	39
1.2 – Poesia com marcas de um passado/cotidiano áspero	43
1.3 – A poesia em defesa da mulher	46
CAPÍTULO III	
O legado de Cora Coralina	53
1 – A imortalidade da poetisa	53
2 – O Museu Casa de Cora Coralina	56
3 – Documentário: Todas as Vidas	58
4 – A obra da poetisa	56
Considerações Finais	64
Fontes	66
Bibliografia	66

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de duas paixões: a História e a Literatura. Assim, quando comecei a fazer minha graduação pude conhecer todos os campos possíveis de pesquisa na área da História. Surpresa agradável foi descobrir que poderia perfeitamente trabalhar com a literatura e mais especificamente com uma das minhas escritoras preferidas.

Foi assim que decidi pesquisar sobre Cora Coralina. Porém, não basta em um trabalho científico apenas o fascínio, é preciso bem mais que isso. Entre uma das necessidades estava entender como trazer a literatura para o fazer história.

Desta forma, o passo inicial foi trabalhar com alguns textos buscando elucidar tal questão. Dois autores foram importantes, Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de M. Pereira que no livro *A História Contada*, trabalham justamente com a proposta de historicizar a obra literária, seja ela, conto, crônica, poesia ou romance. Em suma, a visão deles é que a literatura é sim um testemunho histórico, no entanto, cabe ao historiador como praxe do ofício, a investigação sistemática. O que ressaltam é a necessidade de ponderar todas as características da fonte literária que se propõe estudar, levando em conta algumas questões como: a forma que o autor concebe a obra, qual a característica, as evidências que traz como testemunho histórico, etc.¹

Outro autor importante foi Peter Gay quando afirma que tanto os romancistas como os historiadores, são profissionais que usam de sua visão e

¹ CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*/organizadores: Sidney Chalhoub, Leonardo Affonso de Miranda Pereira – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998

perspicácia psicológica ao estudar mentes individuais e mentalidades coletivas, ou seja, ambos compreendem/trabalham com a natureza humana em ação.²

Finalmente, para Bourdieu, os literatos não só mantêm relação determinada entre si, mas, com toda uma rede social. Sua questão é como saber quais as regras para se ter autonomia nessa organização, como fazer valer no mundo dos intelectuais uma análise mais profunda das obras literárias.³

Importante então na pesquisa inicial foi entender que a literatura ao longo dos tempos, tem trazido indícios valiosos das relações sociais, econômicas e culturais. Cabendo ao historiador o cuidado na pesquisa e entender que literatos e historiados seguem por caminhos diferentes, mesmo quando fazem uso da mesma matéria prima.

Foi justamente por ser Cora Coralina uma autora que tem como base de seu trabalho uma tentativa de resgate do passado por meio de suas memórias, que vislumbrei a possibilidade de se fazer uma pesquisa interessante no campo da História.

Cora nasceu Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, em 20 de agosto de 1889 na casa por ela chamada carinhosamente de Casa Velha da Ponte, na antiga capital do estado de Goiás, hoje cidade de Goiás. Considerada uma criança feia e mal amada, cresceu numa casa de mulheres, visto que a mãe ficou viúva logo após o nascimento da menina. Tal fato, segundo suas próprias palavras contribuiu para ter sido a preterida entre as irmãs. Foi considerada

² GAY, Peter, *Represálias selvagens; realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubere Thomas Mann* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 141 a 155.

³ BOURDIEU, Pierre, 1930-202. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*: tradução de Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 11 a 17; 243 a 315.

solteirona para os moldes da época e em dezembro de 1911, parte da cidade com Cantídio Brêtas, homem casado e separado. Estava grávida, portanto, causou um verdadeiro escândalo na cidade. Vive no estado de São Paulo por 45 anos, onde constituiu família sendo mãe de quatro filhos.

Em 1956, aos 67 anos de idade, já viúva e com os filhos criados, retornou a terra natal e a velha casa da ponte. Apesar de desde criança ter se

dedicado muito a leitura e a escrever poemas, foi somente com sua volta que iria dar início ao seu grande sonho que era se dedicar a escrever seus poemas e publicar seus livros.

Para sobreviver tornou-se uma doceira famosa e, entre doces e poesia, conforme ela mesma dizia, foi gestando sua obra. Só publicaria seu primeiro livro aos 76 anos de idade. E daí para frente inicia-se uma vida literária que a tornou conhecida e respeitada em todo o país, e seus versos continuam a encantar até hoje.

A proposta desta monografia foi, por meio da obra dessa poetisa, pensar sobre a memória e a questão da oralidade como um campo perfeitamente aplicável ao estudo da história. Para tanto, buscou-se pesquisar sobre memória e história e os conflitos gerados nessa relação.

Passo inicial foi trabalhar com os livros *O tempo Vivo da Memória e Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos* de Ecléa Bosi, que é uma pesquisadora que se apropria de aspectos do cotidiano e dos microcomportamentos das pessoas, para provar sua tese de que na escola só se estuda fatos “extraordinários” como sendo estes, os únicos importantes para se entender o homem e sua história, desprezando a tradição oral, considerada segundo ela, um gênero literário menor. Para ela, a memória de velhos, pode ser trabalhada como uma mediadora entre a nossa geração e as testemunhas do passado, ou seja, uma mediadora de gerações.

Seguindo essa linha de memórias de cotidiano é que adentrei na obra específica de Cora Coralina. Para tanto, esta monografia foi dividida em capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Dados biográficos da Poetisa”, procurei mostrar sua trajetória de vida e principalmente sua ligação com a literatura mesmo vivendo em um ambiente adverso de dificuldades e preconceitos. O capítulo foi subdividido em itens, sendo o primeiro dedicado aos dados biográficos. Em seguida, falei sobre o significado de sua volta a Goiás, que é fato fundamental para entender sua poesia. Depois sobre a escolha do pseudônimo e sua forma de escrever. Outro item foi dedicado a sua morte, justamente para mostrar o reconhecimento que Cora Coralina conseguiu. Por fim, a publicação de seus livros e terminando o capítulo um de seus poemas no qual a poetisa descreve sobre si mesmo, o qual denominei de “Cora por Cora.”

O segundo capítulo, e o mais difícil de ser elaborado, foi aquele no qual proponho a minha tese propriamente dita com relação ao trabalho de análise da poetisa. Assim, no início a proposta foi uma reflexão acerca da memória e da oralidade, seus conflitos com relação à história e como se dá a apropriação da literatura como campo aplicável ao estudo de história, bem como pensar sobre a necessidade do resgate do passado. Em seguida, foi feita uma subdivisão para se trabalhar a questão da memória especificamente na obra de Cora Coralina. Dividi então em três linhas de raciocínio: 1 - “Goiás – Um amor incondicional” – no qual a proposta foi entender o sentido da volta e a necessidade da poetisa de mostrar um pertencimento ao cotidiano da cidade como se dali nunca tivesse se ausentado. 2 – “Poesia como marcas de um passado/cotidiano áspero”, para falar um pouco que Cora faz um retorno de suas memórias para expor e denunciar as limitações e preconceitos da época especialmente com relação às crianças. Por fim, e uma das partes que tenho maior preferência, é intitulada de “A poesia em defesa da mulher”, quando procurei mostrar como Cora vai usar de seus versos para denunciar os maus tratos e preconceitos que acompanham as mulheres e também como sua obra perpassa pelo religioso, telúrico, saudosista e denunciador.

Estas foram então as facetas que pensei em trabalhar sobre Cora Coralina. Importante aqui destacar, que ela viveu numa época em que muitas coisas não poderiam ser ditas. Assim, falei neste segundo capítulo de seu pseudônimo, que pode ter sido uma forma não só usada para diferenciar das demais “Anas” de sua cidade, bem como para dizer com mais liberdade aquilo que seria difícil naquele momento.

No terceiro capítulo, entendi que não poderia deixar de falar do legado deixado por Cora Coralina. Assim a proposta foi dividir também em itens: primeiro trouxe as considerações gerais sobre a imortalidade da poetiza;

segundo sobre “O Museu Casa de Cora Coralina”, localizado em sua cidade natal e que hoje é cuidado com muito apreço por aqueles que zelam pela sua obra. Porém, dediquei uma parte deste item para mostrar um contraponto com relação à imagem mitificada que procuram conservar, que por muitas vezes tende a apequenar sua obra. O último item do capítulo foi destinado ao longa metragem “Todas as Vidas”, recentemente lançado que é sem dúvida uma forma de dinamizar a vida e obra da poetiza.

A intenção, portanto, desta monografia foi lidar com um dos aspectos que a obra de Cora Coralina pode ser trabalhada, sendo que ficou muito claro que várias outras facetas poderiam ser levantadas.

Capítulo I –

Dados biográficos da Poetisa

Cora Coralina

Marcelo Barra

Mulher da terra
Ao pé da serra
Velha menina
Voa e me ensina a ser passarinho
Que bebe da fonte e volta pro ninho

Cora, da casa da ponte
Dos versos, do tempo
Do rio que leva
Segredos de Ana
Pra algum lugar

Coralina coragem
Coralina coração
Flor do tempo
Força e vontade
Pedra por pedra
Ana por Ana

Cora senhora
No espelho de agora
A ponte, o rio
Os sonhos de outrora
Mulher passarinho
Que bebe da água
E volta pro ninho

A poetisa Cora Coralina, conseguiu ver com muita equidade sua trajetória de vida ser expressa nos versos de Marcelo Barra⁴. Segundo

⁴ Marcelo Barra é cantor e compositor brasileiro que se tornou conhecido por cantar sobre a cultura de Goiás, seu estado natal.

depoimento do cantor e compositor ⁵, por ocasião da gravação de um clipe da música para o programa *Fantástico da Rede Globo*, Cora teria dito a ele, “*com tanta moça bonita em Goiás, você foi fazer uma música logo para uma velha.*” Esta seria, segundo ele, Cora Coralina, uma mulher de humor invejável.

“*Mulher da terra, ao pé da Serra*”. É a poeta, nascida aos pés da Serra Dourada, na cidade de Goiás. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas nasceu em 20 de agosto de 1889 na casa por ela chamada carinhosamente de Casa Velha da Ponte, na antiga capital do estado de Goiás, hoje cidade de Goiás. Ali viveu por vinte e dois anos, quando em 11 de dezembro de 1911, partiu em busca de seu destino, ao lado do seu companheiro de vida toda, Cantídio Tolentino Figueiredo Brêtas, e viveu no interior de São Paulo e na própria capital por quarenta e cinco anos.

“*A mulher coragem, de força e vontade*”, iria retornar à cidade natal em 1956 aos 67 anos de idade. Faleceu em 10 de abril de 1985, em Goiânia – GO, vítima de complicações de uma forte gripe.

Toda a trajetória de vida da poetisa é entremeada pela literatura. Aninha como era chamada pela família, nasceu em um ambiente favorável à expressão literária, cujos exemplos podem ser observados na erudição de sua mãe, Jacyntha Luiza do Couto Brandão, e de outros literatos da família.⁶ Porém, na época, a tradição era de que as mulheres estudassem apenas as primeiras séries do primário. Assim, Aninha, mesmo desde muito cedo tendo se mostrado amante da escrita, foi coibida pela família, ninguém nunca compreendera sua paixão por livros e revistas. Segundo Vicência Bretas⁷, no livro “*Cora Coragem, Cora Poesia*”, Cora nasceu uma menina doentia, e seu pai mal a conheceu. A pequena, segundo descrito no livro, além das pernas moles, preguiçosa, apática, fraca fisicamente, não era as que se sobressaia

⁵Depoimento em retorno a contato feito por mim, pelo Facebook, em 13/11/2014.

⁶ BRITO, Clovis Carvalho Britto. Escritora e Escritura: Faces do Itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: Moinho do Tempo – Estudos sobre Cora Coralina/Clovis Carvalho Britto, Maria Eugênia Curado, Marlene VELLASCO (ORG.) – Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

⁷ TAHAN, Vicência Brêtas - Cora Coragem Cora Poesia - ...

entre as coleguinhas. Estudou numa escola nos moldes antigos – do tempo da mãe. “Minha escola primária. Escola antiga de antiga mestra. Repartia em dois períodos para a mesma meninada, das 8 às 11, de 1 às 4. Nem recreio, nem exames. Nem notas, nem férias. Sem Cânticos, sem merenda... Digo mal – sempre havia distribuídos alguns bolos de palmatória...”⁸.

Nesse ambiente cresceu Ana, uma menina introvertida mas cheia de vida interior. (TAHAN, 19.., p. 34). Foi considerada solteirona segundo os moldes da época. Depois conheceu Cantídio, um homem casado e separado, de quem ficou grávida. Fato inaceitável para a época e lugar. Por isso, partiu para o estado de São Paulo onde viveu por 45 anos. (TAHAN, 19.., p. 34). Após 1934, ficou viúva e, em busca de sustento para os seus quatro filhos, Cora começou a trabalhar na Editora e Livraria José Olympio, vendendo livros de porta em porta. Desse modo, necessariamente era obrigada a se manter atualizada a respeito de obras e autores, e sobre as mudanças em curso na literatura brasileira.

A *“mulher passarinho, que bebe da água e volta pro ninho”*, em 1956, aos 67 anos de idade, viúva e com os filhos criados, retornou a terra natal e a velha casa da ponte. *“A força da terra, das raízes que me chamavam era mais forte que sobrepôs a todos esses afetos familiares.”*⁹

Quando voltou, Cora não possuía mais os vínculos com o campo literário goiano e estava idosa. (Brito, 2009, p. 25).

1 – O significado da volta:

É sabido, através de vários trabalhos e depoimentos observados quando da elaboração deste trabalho, que Cora lia bastante e escrevia desde criança e

⁸ (Trechos do poema “A Escola da Mestra Silvina. Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. 1983 – 4. ed. p. 75). –

⁹ Entrevista de Cora Coralina, exibida no documentário – De Lá pra Cá, em 21/09/2009 - O programa, apresentado por Anselmo Gois e Vera Barroso pela TV BRASIL – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB_HGK4 – acesso: 02/01/2015

que, ao longo da vida fora guardando seus escritos. “Cora leu, muito e sempre, livros e jornais, tornando uma autodidata. Mas, sobretudo, soube ler a vida.”¹⁰ Mas, foi o reencontro com Goiás, que propiciou o desabrochar da poetisa.

De acordo com Marlene Velasco, “a riqueza integral da poética coralineana, só pode ser entrevista na medida em que verificamos a sua íntima relação com o panorama de sua cidade natal, a sua infância, as pessoas, as coisas, o tempo, o espaço, a vida inorgânica, lembranças de seu mundo real e imaginário.”¹¹

Assim, é na solidão dos cômodos da velha casa da ponte e amparada pelas águas do Rio Vermelho, que a escritora começou a gestar sua obra. (Brito, 2009, p. 20). Conhecer esse fato é fundamental para que possamos entender o trabalho literário da escritora, pois, em toda a sua obra é possível delinear o seu comprometimento com a cidade natal e o cotidiano das pessoas que ali viviam. Sentia-se incompreendida por sua geração, por isso escrevia para gente moça e, talvez, também por esse motivo, voltou à cidade natal com o intuito de acertar as contas com o passado e recolher insumos para escrever sua obra e publicá-la.¹²

Outro dado importante de sua biografia, é que Cora, quando de seu retorno a Goiás e, diante da necessidade de um sustento, começou a fazer doces para vender. Sua fama de doceira ultrapassou os limites da cidade, e ir a Goiás conhecer Cora e comprar seus doces passa a complementar o roteiro turístico local. (TAHAN, 19..p. 137). *“Aprendi a fazer bem os meus doces. Fiz do nome bonito de doceira, a minha glória maior. E hoje, inválida, dependente de uma muleta, insegura, sem poder mais trabalhar nos tachos, faço ainda*

¹⁰ Denófrio, Darcy França, Cora Coralina - Coleção Melhores Poemas- Editora Global, 2008, p. 16

¹¹ CORALINA: RECONSTRUÇÃO POÉTICA DA MEMÓRIA - Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARLENE%20GOMES%20DE%20VELLASCO.pdf> – acesso 03/01/15.

¹² Moinho do Tempo – Estudos sobre Cora Coralina/Clovis Carvalho Britto, Maria Eugênia Curado, Marlene VELLASCO (ORG.) – Goiânia: Ed. Kelps, 2009, p. 9.

*questão de conservar ao lado do meu nome de escritora o nome de doceira, minha glória maior.*¹³ Era com a venda dos doces, que a poetisa aproveitava a presença dos turistas para recitar versos e oferecer seus livros. Foi dessa forma que se tornou conhecida.

2 - A escolha do Pseudônimo:

Cora que cresceu entre plantas, músicas e poesia, e frequentava os serões literários da cidade, onde declamava poemas de seus conhecidos e, às vezes, sem avisar, soltava um dos seus, embora não contasse para ninguém que era a autora, não se sentia segura, tinha medo de críticas (TAHAN, 19...p.31).

A explicação no entanto, para o seu famoso pseudônimo, teria outras razões e, não apenas o fato de querer esconder o seu nome verdadeiro.

Em documentário, Cora diz *“que quando começou a escrever, com muita vaidade e ignorância, na cidade havia muita Ana. Sant’ana é padroeira daqui, de modo que quando nascia uma criança em uma casa dava logo o nome de Ana, nascia outra era Ana, de modo que a cidade era cheia de Ana, Aninha, Niquinha, Nicota, Doca, Doquinha, tudo isso era Ana, você ia procurar saber era Ana, existiam muitas com o mesmo nome”*.¹⁴ Foi daí que surgiu a necessidade do pseudônimo. Primeiro veio Cora, e posteriormente seria anexado Coralina, nome que ficaria marcado na literatura goiana e de todo o Brasil.

Segundo Marlene Vellasco, Cora dizia que o pseudônimo queria dizer Coração Vermelho, que seria uma alusão ao Rio Vermelho, que passa ao lado da Casa Velha da Ponte. “Distante desta cidade, Não sou nada, minha gente. Sem reбуço, falo sim. Publico para quem quiser. Arrogante digo a todos. Sou

¹³ Discurso de improviso, proferido por Cora Coralina em 02/12/1983, na inauguração da unidade Senac em Goiânia que recebeu o nome de “Centro de Educação Profissional Cora Coralina”, In; Moinho do Tempo.

¹⁴ Entrevista de Cora Coralina, exibida no documentário – De Lá pra Cá, em 21/09/2009 - O programa, apresentado por Anselmo Gois e Vera Barroso pela TV BRASIL – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB_HGK4 – acesso: 02/01/2015

Paranaíba para cá. E isto chega a mim. Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...”¹⁵

Também, pode-se aventar que a utilização do pseudônimo foi uma alternativa da poetisa para distinguir a doceira Ana de Cora e eventualmente uma sábia forma de falar mais livremente de temas áridos para mulheres de sua geração.

3 – Formas de escrever:

“*Os sonhos de outrora da mulher passarinho*”, era ver seus escritos publicados. Porém, Cora diz que foi muito difícil escrever, pois, não tinha nenhum conhecimento de gramática. “*só vou saber o que era uma gramática quando seus filhos foram para a escola. E que quando abriu e leu, chegou à conclusão de que se tivesse que escrever pela gramática, não escreveria coisa nenhuma.*”¹⁶

Assim, um questionamento comum, quando se estuda essa autora, é como uma mulher que possuía apenas o curso primário incompleto, e estreou como poetisa aos 76 anos de idade, pôde construir uma obra que tocou a tantos, e que continua, até hoje, como destaque na literatura brasileira.

Como resposta a esta pergunta, muitos se disporão a estudar sua obra. Para Denófrio¹⁷, Cora era uma escritora independente, nada convencional que se tornou uma autodidata, pois, sempre leu muito, fossem livros ou jornais. Para esta autora, Cora não seguiu nenhuma vertente literária a risca. Um dos motivos para tal questão seria sua estreia tardia, a absorção de códigos estéticos ao longo do tempo muito dilatado a que viveu, dificultam o seu engradamento geracional. Vê também, que a poesia de Cora Coralina, muitas vezes é prolixa, sendo que em seus poemas líricos narrativos, as lâminas

¹⁵ Trechos do poema “Rio Vermelho” de Cora Coralina. Disponível em http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=3786&poeta_id=240 – acesso 07/01/15.

¹⁶ Entrevista de Cora Coralina e documentário - Cora Coralina no Gyn Teen da Televisão Brasil Central – produzido em 12/01/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aehtPeMs4nA> – acesso 05/01/15)

¹⁷ Denófrio, Darcy França, Cora Coralina - Coleção Melhores Poemas- Editora Global, 2008, p. 16.

líricas muito extensas que às vezes, não cabem numa única sendo este um problema. Inclusive na sua estreia a crítica em Goiás, fez restrições ao tom lírico narrativo de seus poemas linha (Denófrio, p. 23). Quase todos os críticos goianos, quando não lhe torciam o nariz, batiam na mesma tecla: “é mais prosadora do que poeta”. (Denófrio, p. 25). Assim, a conclusão de Denófrio, é que a poesia de Cora Coralina tinha modalidade própria, que fluía com frequência para uma vertente de compromisso social. Em depoimento da própria Cora, dizia, “*Poesia é vida, e a poesia você encontra ela até num monte de lixo, saiba procurar a poesia*”. *Poesia é vida, é comunicação, poesia é uma forma de recriação da vida*.¹⁸

Britto vê que a escrita em prosa de Cora Coralina reescreveu Goiás. E diz que quando de seu retorno à terra natal, trouxera influências das conquistas modernistas paulistas. Segundo este autor, existem documentos que comprovam seu contato com as poesias de Bernardo Elias, José Godoy Garcia, com o Guimarães Rosa e Eça de Queiróz. “..Eu sou uma grande leitora de Guimarães Rosa e uma admiradora dele, muito antes dele ser aceito”.¹⁹

Vicência Bretas, diz que ela gostava de ler Jorge Amado e que o escritor teria ido visitá-la. Diz ainda, que lia qualquer livro que caía em suas mãos.²⁰

O que se pode dizer com certeza, inclusive no material que consta no Museu Casa de Cora Coralina em Goiás, é que ela não se cansava de escrever. Escreveu e escreveu bastante. Cora acumulou um tesouro, enterrado sobre as linhas e entre as margens de seus cadernos. Tesouro que corria o risco de perder, pois, era tudo muito precário (Britto, 2009, p.33).

¹⁸ Entrevista de Cora Coralina, exibida no documentário – De Lá pra Cá, em 21/09/2009 - O programa, apresentado por Anselmo Gois e Vera Barroso pela TV BRASIL – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB_HGK4 – acesso: 02/01/2015

¹⁹ (Britto, 2009, p. 30 – In: Cora Contemporânea Coralina, 1984).

²⁰ Entrevista concedida por Vicência Bretas Tahan, filha caçula de Cora Coralina, em reportagem “Eternamente Cora, publicada pelo jornal Correio Braziliense, em edição de 20/08/2014, em comemoração aos 125 de nascimento da escritora”.

Silva,²¹ define que Cora escrevia sobre autos do passado. Para isto, faz uma análise do livro, *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, mostrando que a poetisa tinha uma escrita autobiográfica, apesar de ser uma escrita cheia de subjetividades própria do discurso poético. (Silva, 2009, p. 155). Em vários de seus poemas, encontram-se aspectos de sua vida. “Cresci filha sem pai. Secundária na turma das irmãs. Eu era triste, nervosa e feia. Amarela, de rosto empalamado. De pernas moles, caindo à toa. Os que assim me viam – diziam: Essa menina é o retrato vivo do velho pai doente”.²²

O trabalho de Silva, como por exemplo, no poema “*Vintém de Cobre*”, traz que muito de sua obra é um processo de criação poética que mostra uma necessidade de voltar ao passado, procurando algo que ficou para trás e que tinha de ser resgatado pela memória. Voltar ao passado é vivê-lo de outra forma. Sua escrita permitirá esse retorno e iluminará cada imagem evocada. (Silva, 2009, p. 173).

Marlene Vellasco²³, que conviveu muito próximo a Cora, vê que a lembrança viva do passado é persistente e densa na mente de Cora. Dessa forma, ela remonta os acontecimentos do passado e articula sua própria linguagem e por isso possui uma singularidade narrativa. E que sua escrita tem uma relação muito forte com a prosa. Através de seus escritos, alarga seus limites, interagindo com pessoas que convivem e conviveram no seu cotidiano, ou seja, são frutos das experiências pessoais. (Vellasco, 2009, p. 121). Outra característica salutar da poetisa nas palavras de Vellasco é fazer suas todas as vozes oprimidas, como por exemplo, quando escreve, sobre a mulher da vida, da lavadeira do Rio Vermelho, do menor abandonado, do presidiário, Cora traz

²¹ SILVA, Olívia Aparecida – Entre as Névoas do Tempo, a Luminosidade da Escrita - . In: Moinho do Tempo – Estudos sobre Cora Coralina/Clovis Carvalho Britto, Maria Eugênia Curado, Marlene VELLASCO (ORG.) – Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

²² Trechos do poema “Minha Infância” . In; Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. Editora José Olympio – São Paulo, 1965 (p. 123).

²³ Vellasco, Marlene Gomes - Cora Coralina: A tessitura poética de um eu multiplicado. In: Moinho do Tempo – Estudos sobre Cora Coralina/Clovis Carvalho Britto, Maria Eugênia Curado, Marlene VELLASCO (ORG.) – Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

para o texto os tipos considerados inúteis, colocando-se no mesmo nível deles. Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida.” (Velasco, 2009, p. 123). Com isso, ao interligar-se ao outro, Cora busca a si mesmo. E por outro lado, é uma forma de se mostrar crítica aos valores e problemas sociais.

Diante de tais questões, observa-se que Cora foi uma escritora eclética com prodigiosa intuição e plenamente inserida em seu tempo, colocando em discussão questões polêmicas, mas que afetavam diferentes parcelas da sociedade. “...*Os meus poemas me vêm muito independente às vezes da minha vontade, vem como impulso interior e escrevo eles.*”²⁴

Para Carlos Drummond de Andrade, responsável pela glória nacional da poetisa, como será visto adiante, “Cora transforma o simples em nobre poesia”.

4 – A morte da “Flor do Cerrado”:

“*Do rio que leva, segredos de Ana pra algum lugar*”. Os segredos, a voz, a poesia, foram silenciados em uma manhã do dia 10 de abril de 1985, aos 96 anos de idade.

De acordo com o Jornal *O Popular*²⁵, em reportagens publicadas por ocasião de seu falecimento, a comoção tomara conta da pequena cidade de Goiás, por ocasião da morte da poetisa. Segundo a reportagem, centenas de pessoas, sendo na maioria jovens, também muitos políticos e escritores, foram se despedir, cantando e recitando os poemas dela. “Quando o cortejo tomou as ruas de Goiás, os sinos de todas as igrejas da cidade se dobraram”. Uma voz no meio do povo começou a recitar o poema “*Eu Canto*”, de Cecília Meireles, e

²⁴ - Entrevista de Cora Coralina, exibida em Reportagem ao Jornalista Rogério Rodrigues, em julho de 2010, produzida originalmente para a TV Integração afiliada a Rede Record em Alto Araguaia - MT – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uFYnDzfyI94> – acesso : 02/01/15)

²⁵ - Reportagem “Emoção no adeus a Coralina. Música, poesia e flores na despedida de Cora. Jornal “O Popular” – Ed. 11.883 – 12/04/1985 – Goiânia – GO.

logo os presentes acompanharam. “*Atrás da Serra Dourada os reflexos do sol e as primeiras estrelas realçavam o clima poético do enterro*”.

Durante o velório, várias personalidades analisaram a vida e a obra de Cora Coralina. Do perfil traçado, o traço comum em todos os depoimentos foi à vitalidade interior de Cora, como mulher, sua permanente preocupação social manifestada em sua produção literária. Seguem, alguns depoimentos retirados da reportagem do jornal “*O Popular*”. O cantor Marcelo Barra foi um dos que lamentou a morte da poetisa, e disse que, “sua morte abre um vazio na poesia e nas artes em geral e faz Goiás perder a pessoa mais importante da sua cultura”. Para a filha caçula de Cora e também escritora Vivência Bretas, “Ela teve uma vida muito rica de bondade, de trabalho, principalmente. Isto para ela sempre foi uma riqueza, porque sempre entendeu que trabalhar era a coisa mais importante da vida. A escritora nasceu com ela. Em sua personalidade, o mais marcante era sua cabeça, pois mesmo sendo fisicamente velha, sempre esteve à frente das novas gerações, inclusive dos filhos, dos netos.” Para Rosália Fleury, presidente da academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, “seus versos são lindos e atuais, com todas as características da poesia moderna...”

O jornal trouxe ainda, a repercussão nacional da morte da poetisa, dizendo que desde o *Bom Dia Brasil* da TV Globo, que abriu a edição daquela manhã informando com tristeza que o Brasil havia perdido “A Flor do Cerrado”. Até *A Voz do Brasil* tratou a morte de Cora como a principal manchete do dia. Diz ainda, que as agências de notícia trouxeram depoimentos de personalidades de todas as regiões do Brasil. Para a escritora Marina Colasanti, “seu falecimento representa uma perda para literatura brasileira”.²⁶

Portanto, a menina feia da Casa da Ponte, que adorava escrever desde menina, deixou um importante legado para a literatura brasileira e também para a história do país, pois, através da leitura de sua obra, muitos são os

²⁶ - Reportagem “Emoção no adeus a Coralina. Música, poesia e flores na despedida de Cora. Jornal “O Popular” – Ed. 11.883 – 12/04/1985 – Goiânia – GO.

traços que se podem encontrar, especialmente do Brasil rural no final do século XIX e início do XX. “*Eu venho do século passado e trago comigo todas as idades*”.²⁷

Em entrevista a filha Vicência Bretas, diz que o período que antecedeu à morte da mãe, ela estava vivendo os melhores anos de sua vida. “Ela estava publicando livros. Sendo reconhecida e convidada a fazer palestras. Estava com uma vida sossegada Sentia-se feliz de fazer o que gostava sem a obrigação de ter que cuidar dos filhos”.²⁸

5 – Publicação do primeiro livro e o reconhecimento Nacional

Cora só publicou seu primeiro livro “*O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais*” aos 75 anos de idade. Em vida, publicou mais dois livros: *Meu Livro de Cordel e Vintém de Cobre*, sendo que neste, estava com 90 anos quando o publicou. Ao todo, já foram 14 livros publicados, sendo que “*Estórias da Casa Velha da Ponte*, último livro que organizou, foi lançado alguns meses após sua morte”.

Ficaria famosa com a carta de próprio punho que recebeu do poeta Carlos Drummond de Andrade na década de 1980. Neste período, o escritor ainda lançou uma mensagem pública declarando a poetisa como a pessoa mais importante do estado de Goiás.

Na mesma entrevista concedida ao jornal *Correio Braziliense*, Vicência Bretas, diz que Cora não conheceu Drummond, mas se corresponderam por carta. Quando já tinha publicado o primeiro livro, uma conhecida dela deu o livro ao poeta. Ele gostou muito e daí, tempos depois, escreveu para ela: “Cora Coralina. Não tendo o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto,

²⁷ Trecho do poema- “ Cora Coralina, quem é você? In – Meu Livro de Cordel, 1998.

²⁸ Entrevista concedida por Vicência Bretas Tahan, filha caçula de Cora Coralina, em reportagem “ Eternamente Cora, publicada pelo jornal Correio Braziliense, em edição de 20/08/2014 , em comemoração aos 125 de nascimento da escritora.

seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! ²⁹

6 – Contraponto ao trabalho da poetiza:

O estudo da obra de Cora Coralina em sua maioria é feito por admiradores de sua obra ou de sua pessoa, e também por aqueles que de alguma forma conviveram com ela. Assim, foi difícil encontrar contrapontos à escrita da poetiza. Depois da pesquisa realizada para esta monografia, acredito que de alguma forma há uma comoção que mistura poesia e vida pessoal, afinal, Cora foi uma mulher guerreira que precisou ultrapassar várias adversidades para lançar seus livros. Somado a isso, está o fato de ser uma senhora de mais de 75 anos, o que faz com que a afetividade seja interposta, até mesmo sem a intenção. De forma alguma, isso não desmerece o trabalho da escritora, pelo contrário, quanto mais se aprofunda em seus versos, mais encantos eles nos trazem. Apenas se faz necessário ressaltar que ocorre por parte daqueles que se propõem a analisar a autora uma unânime celebração de sua obra.

Talvez o único contraponto, seja, e isto é um fato interessante, um certo descaso dos próprios goianos em relação a sua escrita. Darcy Denófrío, aponta que quando de sua estreia, Cora foi muito mais apoiada pela vanguarda que se enveredava pelas vias da experimentação do que por aqueles em sua faixa de vigência, que diziam ser a poesia de Cora muitas vezes prolixa (ou com lâminas líricas muito extensas), e com tom coloquial eminentemente lírico-narrativo que contrastava com a poesia formal que apreciavam.

²⁹ Trecho da carta de Carlos Drummond de Andrade, escrita à Cora Coralina. Extraída do jornal Correio Braziliense, em edição de 20/08/2014, em reportagem “ Eternamente Cora, publicada em comemoração aos 125 de nascimento da escritora.

Porém, é preciso dizer que não condiz aqui um aprofundamento na forma com que elaborou sua escrita, a nós é precioso ver como vários caminhos

caminhos podem ser trilhados para pensar sua obra através de um olhar histórico.

E mais que uma celebração da “mulher à frente de seu tempo”, pensamos numa mulher plenamente inserida na sua temporalidade, que buscou no seu modo de sobreviver como doceira, uma entrada para escrever poesias e, para isto, vai falar de adversidades, de limitações e preconceitos, justamente por ter vivido/sobrevivido na pele tais valores.

É esta poetiza que nos interessa refletir aqui.

7 – Cora por Cora

Apesar de um trabalho da área de história, a proposta é deixar vagar neste momento pelos versos da poetiza para mostrar um pouco o que ela mesma queria dizer sobre si. É preciso obviamente atentar para o lirismo e por isso, nortear o olhar para prováveis devaneios que a escrita da poesia tão bem permite.

Porém, inevitável deixar de lado esse poema, quando a proposta é pensar a vida da escritora.

CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ

Sou mulher como outra qualquer.

Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra
Entre serras e morros.
“Longe de todos os lugares”.
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram
a minha infância e adolescência.

Aos meus anseios respondiam
as escarpas agrestes.
E eu fechada dentro

da imensa serra
que se azulava na distância
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria
O vôo nas asas impossíveis
do sonho.

Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia caída e a república
que se instalava.

Todo o ranço do passado era presente.
A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais.
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis e nas roças.
A criança não tinha vez,
Os adultos eram sádicos
aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já
havia ensinado uma geração
antes da minha.

Os métodos de ensino eram
antiquados e aprendi as letras
em livros superados de que
ninguém mais fala.

Nunca os algarismos me
entraram no entendimento.

De certo pela pobreza que marcaria
Para sempre minha vida.
Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
não escrevo jamais de forma

consciente e racionada, e sim
impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas, o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros, contra-marcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira
Do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.
Sempre houve na família, senão uma
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada
a essa minha tendência inata.
Talvez, por tudo isso e muito mais,
sinta dentro de mim, no fundo dos meus
reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.
Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compreensão dos
rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.
Preconceitos de cor e de família.
Preconceitos econômicos.
Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me suplementou
as deficiências da escola primária
que outras o destino não me deu.

Foi assim que cheguei a este livro
Sem referências a mencionar.

Nenhum primeiro prêmio.
Nenhum segundo lugar.

Nem Menção Honrosa.
Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha
poesia arrancada aos pedaços
do fundo da minha sensibilidade,
e este anseio:
procuro superar todos os dias
Minha própria personalidade
renovada,
despedaçando dentro de mim
tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante
que levanta os fracos
e determina os fortes.

Quem sentirá a Vida
destas páginas...
Gerações que hão de vir
de gerações que vão nascer.³⁰

³⁰ Denófrío, Darcy França, Cora Coralina - Coleção Melhores Poemas- Editora Global, 2008, p. 224

CAPITULO II

A poesia sobre o enfoque da memória

1 – Reflexões sobre memória e oralidade:

Pesquisar sobre a vida e a obra de Cora Coralina nos faz indubitavelmente refletir sobre memória, cotidiano e passado. Conforme já foi indicado nesta monografia, uma das facetas mais importantes de seus poemas foi entoar fatos do seu cotidiano e especialmente de sua terra natal.

Assim, pensar em Cora Coralina é refletir sobre memória oral, fatos correntes que estão ligados às lembranças de cada um. No entanto, é notório que para a historiografia, a relação entre história e memória sempre foi conflitante. Se para muitos esses dois termos são considerados sinônimos, nós historiadores temos conhecimento de que, apesar das semelhanças não fazem parte do mesmo processo.

E assim, muitas são as afirmações, contradições e correntes que em muitos casos “torcem o nariz”, quando o assunto é as lembranças de testemunhos orais no fazer história.

Para Eunícia Fernandes³¹, a confusão se deve ao fato de que tanto a memória quanto a história são elaborações construídas por nós, portanto, articuladas através de narrativas de experiências de vida e de um tempo passado.

A memória, ainda segundo Fernandes, conta uma narrativa, ou seja, é testemunho de uma lembrança. “O valor da lembrança procura-se sustentar a proximidade ao fato vivido”. Trazer o passado como se esse fosse vivo. A historiografia, ao contrário, predispõe o fato de estar em outro tempo e lugar,

³¹ FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. Do dever de memória ao dever de história: um exercício de deslocamento. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida ET al. Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro:FGV, 2012 – p. 87

pois, é este fato que leva a reflexão histórica, que permitirá ao historiador formular suas questões investigativas para entender o passado.

Seria então correto, pensar que história e memória se diferenciam pela questão da afetividade? Rememorar, tentando transportar ao presente para de certa forma recuperar o que foi perdido? Mas, qual a necessidade desse reviver?

Primeiramente, é preciso pensar um pouco mais acerca da memória. Jacy Seixas, diz que a memória é historicamente ressalvada, quando esta se dispõe ao não esquecimento de fatos que marcaram nossa história, tais como os eventos comemorativos. Mas, concorda que apesar disto, nos últimos anos tem havido um despertar, uma crescente revalorização da memória, tanto na esfera individual como nas práticas sociais ou mesmo no interior da historiografia. “O direito e dever de memória reivindicados por inúmeros grupos sociais e políticos.” (Seixas, 2004, p. 38).

Porém, ainda na visão de Seixas, há um grande embaraço nesta questão, pois, apesar do grande “boon”, a memória continua sendo pouco refletida. A priori, parece a historiografia querer tratar a memória histórica como algo distinto da memória literária ou, ainda, da memória constitutiva do indivíduo enquanto tal. “A memória, encontra-se, assim, prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado e do íntimo, transformou-se em objeto e trama da história, em memória historicizada”. (Seixas, 2004, p. 41).

Diz ainda, que a questão é que sempre lidaram com a memória para responder a interesses específicos, ou seja, “uma memória para servir a história.” (Seixas, 2004, p. 53).

É neste sentido, que esta monografia visa considerar a literatura, quando esta se apropria de lembranças pessoais para a construção de determinadas memórias, como um campo perfeitamente aplicável ao estudo da história, uma vez que este abrange hoje formas diversas, tendo um alargamento das possibilidades de ser considerada.

Foi com este olhar que para a elaboração deste trabalho, procurou-se caminhos para uma análise mais detalhada sobre esta questão da oralidade e especialmente sobre a fala de uma mulher que encontra o reconhecimento de seu trabalho já na velhice. Os livros *O tempo Vivo da Memória e Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos* de Ecléa Bosi foram muito importantes nesse momento, uma vez que, essa *pesquisadora* se apropria de aspectos do cotidiano e dos microcomportamentos das pessoas, para provar sua tese de que na escola só se estuda fatos “extraordinários” como sendo estes, os únicos importantes para se entender o homem e sua história, desprezando a tradição oral, considerada segundo ela, um gênero literário menor.

Para ela, a memória, especialmente de velhos, pode ser trabalhada como uma mediadora entre a nossa geração e as testemunhas do passado, ou seja, é intercessora informal da cultura, que não pertence a instituições formalizadas, como a escola, a igreja, os partidos políticos, mas, nem por isso, menos importantes, especialmente para as Ciências Sociais. “A história oral não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje de a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades”. (Bosi, 2003, p. 15).

Da mesma forma, enxergamos na obra de Cora importantes aspectos íntimos do cotidiano, sempre remontando fatos numa singularidade narrativa, importantes para a história social do país. “Criou poemas possuídos por uma serena ferocidade contra os males humanos de seu tempo, tais como a seu tempo outra mulher alguma de Goiás ousou escrever.”³² Embora, como já mencionado anteriormente, não se pode esquecer que usava linguagem literária, portanto, com as minúcias a que este trabalho requer, mas sua escolha foi poetizar o cotidiano.

Neste sentido, Bosi coloca muito bem que não se pode pensar que as testemunhas orais sejam sempre mais autênticas que a versão oficial. Muitas

³² Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional. Portanto, é preciso saber que a memória oral também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade, assim, diz que são muitos os cuidados que o pesquisador deve enfrentar ao fato de que uma história de vida ou mil histórias de vida jamais substituirão um conceito ou uma teoria da História. Pois, depoimentos colhidos por mais ricos que sejam não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante que elucide estruturas e transformações econômicas, ou que explique um processo social, uma revolução política. Cabe-nos, portanto, interpretar às tensões implícitas e aos subentendidos.

Apesar destas colocações, Bosi é segura em dizer que em depoimentos podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas, o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo, ou seja, dar uma significação a esta narração que por certo a história oficial não saberia fazer.

Esse resgate das lembranças através de testemunhos é a tônica do livro de Bosi *Memórias e Sociedades*, que como ela mesma diz é um trabalho sobre o “lembrar”. As lembranças dos velhos e sua importância como questão social. Assim, já na apresentação do livro escrita por Marilena Souza Chauí, esta vai iniciar fazendo uma reflexão acerca dessa questão, dizendo que estes são a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara.

Para Chauí, a tese de Ecléa Bosi é mostrar que “os velhos” são os guardiões do passado e por isso, suas lembranças são fundamentais para se resgatar momentos históricos. O que ocorre é que a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice.

O que se percebe, portanto, e é importante destacar que a apresentação de Chauí vai além de comentários gerais sobre o livro, uma vez que nos permite refletir acerca deste capitalismo desenfreado, que tem como consequência segundo ela, a decadência na arte de contar histórias e, isso se deu, porque também decaiu a arte de trocar experiências.

Já na narração inicial de Bosi, ela vai justamente mostrar o contraponto a este fato. O que se percebe em seu trabalho, é que não se deve ouvir os velhos por compaixão, mas sim, porque é uma experiência fundamental para se entender os rumos sociais da nossa história.

Dessa forma e pensando como historiadora, acredito que a pesquisa realizada por Bosi é de suma importância para uma análise social, especialmente das vozes silenciadas em nosso país, uma vez que vai colher depoimentos de velhos, para mostrar que são perfeitamente capazes de serem inseridos no mundo e mostra que a lembrança é uma forma de viver atualmente e com uma intensidade nova as suas experiências.

“Uma lembrança que nunca me sai do pensamento é a Revolução de 1924, do Isidoro Dias Lopes e do general Klinger. Essa revolução marcou época, precisamos fugir porque as balas já estavam chegando em minhas casa. Fomos para Itaici, um pequeno lugar de Campinas; lá ficamos um mês até terminar a revolução, que foi vencida pelos legalistas...”³³

Porém, um fator interessante observado nos depoimentos colhidos por Bosi, que é a seleção pessoal de cada um, sobre o que lembrar, mostrando que há algo peculiar quanto o assunto memória, que é o “esquecimento”. A memória, portanto, é terrivelmente seletiva e se concentra sobre alguns fatos.

A questão do esquecimento seria na interpretação de Bosi o de esquecer tudo quanto não fosse “atualmente” significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que sucede às vezes: “os fatos que não foram testemunhados (perdem-se), omitem-se, porque não costumam ser objetos de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente.” (Bosi, 1994, p.67).

³³ Trechos do depoimento de Sr. Amadeu. BOSI, Ecléa -Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos. 3 ed – São Paulo: Companhia das Letras, 1994 – p. 130.

Assim, o “reviver” acredito, tem para cada um, uma significação diferente. Alguns adoram lembrar fatos da infância, outros preferem esquecer. A experiência é assim, o ato que dita o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Bosi na tábua de valores de Halbwachs levanta esta questão do “reviver o passado” dando um exemplo quando o adulto faz uma releitura de um livro de narrativas lido na já distante juventude. O que se espera, em suma, é que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil. Mas, objetivamente, temos que reconhecer isso não se dá da mesma forma. As novas experiências na interpretação de Bosi altera profundamente a qualidade da segunda leitura. “O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez.” (Bosi, 2003, p. 57).

Muitos são os que se dispuseram a estudar esta questão da recordação, porém o que para esta autora vale é a questão da inerência da vida atual ao processo de reconstrução do passado.

E é justamente esta construção social da memória, que na percepção da autora é o instigante:

“Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, universos de significado, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos.” (Bosi, 1994, p.67).

Assim, o fio condutor adotado nesta monografia é a compreensão da memória não apenas como algo passado, que exclui o presente, o tempo do agora, mas como algo que tem reflexos no hoje e no porvir. Entender o que leva o “rememorar”. No caso específico de Cora Coralina, é refletir sobre a necessidade que ela tinha com esse encontro do que viveu. “Reconstruir memórias não é fazer um resgate do passado puro e simples, ou ainda fazer

uma descrição desse passado, mas narrar para fazer emergir esperanças não realizadas desse passado.”³⁴

Teria ela uma necessidade de voltar ao passado com fins puramente nostálgicos e por apego as suas raízes, ou seria algo mais profundo e específico como ressentimentos, ou quem sabe rememorar para perdoar ou para reparar? O que se sabe é que, além de uma infância pobre e cercada por limitações e preconceitos, a saída da poetiza de sua cidade natal, não foi por escolha pura e simples, uma vez que decidira viver com um homem divorciado, fato inaceitável para a sociedade da época.

Este questionamento é bastante pertinente, pois, especialmente o historiador sabe que há um leque de possibilidades para necessidade de cada um ou de um coletivo para se voltar ao passado.

Temos acompanhado na historiografia mais recente os vários casos da necessidade de rememoração, como por exemplo, as Comissões da Verdade dos tempos ditatoriais, que debatem o “dever da memória”, que tem entre outras questões a perspectiva de reconstruir o passado para que dores e violações sofridas neste período não sejam silenciadas e esquecidas.

Pensar sobre esses aspectos vários em que se pode interpretar a memória, e mais precisamente a volta ao passado, é que surge o questionamento sobre qual o prisma Cora se propunha ao trazer de volta tempos já vividos. Segundo suas próprias palavras, “alguém deve rever, escrever e assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a raso. É o que eu procuro fazer para a geração nova...”³⁵

³⁴ - Comissão Camponesa da Verdade – Relatório Final – Violações de direitos no Campo – Disponível em: <http://www.contag.org.br/arquivos/porta1/file/site/Relatorio%20Final%20Comissao%20Camponesa%20da%20Verdade%2009dez2014.pdf> – acesso – 10/10/2015

³⁵ CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, Editora José Olympio – São Paulo, 1965 (p. 25).

Por meio de uma leitura da obra da autora, percebe-se que o forte de seu trabalho são raízes notadamente biográficas. Suas memórias ocupam a centralidade de sua criação poética. Por isso, consideramos uma autora instigante, que tinha uma maneira muito peculiar de escrever e, apesar do lirismo, nos remete a pensar num tempo pretérito, uma vez que, sua poesia não pode ser entendida separada da memória.

Marlene Velasco, hoje é curadora na cidade de Goiás do Museu “Cora Coralina” e conviveu muito próximo a poetiza. Para ela, a riqueza integral da poética coralineana só pode ser entrevista na medida em que verificamos a sua íntima relação com o panorama de sua cidade natal, a sua infância, as pessoas, as coisas, o tempo, o espaço, a vida inorgânica, lembranças de seu mundo real e imaginário. Diz ainda que é através do fluir da memória de Cora que nasce a intensidade e a densidade de seus livros. Ela resgatou suas memórias e as memórias que ouviu contar.

Ainda sobre a fala de Velasco, esta considera, que o livro *Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha* é um trabalho autobiográfico, em que a poetisa faz referências específicas ao cotidiano vivenciado por ela. “Este livro foi escrito no tarde da vida, procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos de uma dura caminhada. Nos reinos da cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei, (parodiando Manuel Bandeira).”³⁶

No entanto, ao percorrer a obra da autora, torna-se impraticável, especialmente quando se propõe falar de memórias, nos determos a apenas um de seus livros. Assim, a intenção aqui, é através do olhar lírico de Cora Coralina, refletirmos um pouco sobre a questão e a forma com que a memória é aludida em seus poemas.

Para tanto, escolhemos dividir esta análise em três momentos: o primeiro é pensar um pouco sobre sua volta à Goiás e seu amor incondicional pela cidade. Em seguida, propomos mostrar como o eu lírico de Cora restaura através da memória um passado marcado por preconceitos e limitações. E

³⁶ CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 7ª. Ed – SP: Global, 2001, pg. 19.

terceiro sua preocupação com o outro, no caso específico com as mulheres, particularmente aquelas que circularam seu cotidiano.

1.1 – Goiás – Um amor incondicional

Em 1956, depois de 45 anos vividos no estado de São Paulo, Cora Coralina decidiu voltar a sua terra natal.

“Sai cheia de vida, a face brilhante, os olhos de paz, os cabelos lisos negros. E quando voltei, vinha vestida já da média dos anos, mas trazia dentro de mim uma soma, um depósito, um repositório enorme, de coisas da minha terra e alguma coisa, muito pouca, de fora, porque eu nunca me apaulistei e nunca me ausentei.”³⁷

Essa volta, é concordância dos que conviveram com ela e dos que se propuseram a estudar sua obra, foi fator preponderante para o desabrochar da poetiza. “Na verdade, sua volta constituiu importante rito de passagem. Reencontrar Goiás foi olhar no espelho do passado.”³⁸

E não foi só voltar para a cidade, ela quis e fez questão de morar na antiga casa velha da ponte onde nascera, pois, acreditava que ali teria sua autonomia financeira e principalmente intelectual. “Cora voltou com o objetivo de construir seu projeto literário, de realizar o grande sonho de sua vida: escrever e publicar um livro.”³⁹

Porém, ao contrário do que se possa pensar, quando Cora voltou não foi bem recebida. Pelo contrário, muitos demonstraram com relação a ela toda a intolerância de uma sociedade preconceituosa. Segundo Darcy Denófrio, sua volta foi um ato de coragem, uma vez que era considerada figura *non grata*.

³⁷ Entrevista com Cora Coralina. Sessão da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, 10 jun. 1980. Arquivo da AFLAG. In: Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 245.

³⁸ Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 245.

³⁹ Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. Clóvis Carvalho Britto. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/14223/8146> - acesso 05/11/2150

“Para a época, ela era uma prostituta, engravidou sem casar e foi morar em outra cidade com um homem separado”.⁴⁰

A casa velha da Ponte vai então se tornar seu exílio voluntário, a privacidade que precisava para delinear seus planos literários. Sobre a escrita de Cora, é preciso entender que ela usa de “Aninha”, como uma referência para justamente fazer essa volta. “Ao reinventar liricamente suas memórias, entre a multiplicidade de eus de sua tessitura poética, Aninha é um dos personagens centrais.”⁴¹

Poema Minha Cidade

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.
 Eu sou aquela mulher
 que ficou velha,
 esquecida,
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando estórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro.
 Eu vivo nas tuas igrejas
 e sobrados
 e telhados
 e paredes...

⁴⁰ Depoimento de Goiandira Ortiz. A doçura inventada da mulher terra – Disponível em: http://www.revistadacultura.com.br/resultado/15-08-10/A_do%C3%A7ura_inventada_da_mulher_terra.aspx – acesso: 10/11/15

⁴¹ Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 31.

Outro aspecto importante, é que seus poemas são frequentemente líricos narrativos e também a maioria em primeira pessoa. Tal fato segundo Oliveira, nos permite pressupor como uma preocupação da autora em se tornar cúmplice e testemunha das situações que descreve. Mas também nos permite inferir que esse “eu” pode pertencer a uma autora/personagem criada por Cora para falar de sua cidade natal e de suas experiências de uma forma mais livre.

Outro poema que demonstra esse olhar de fazer parte, bem como o carinho sobre a cidade é “Rio Vermelho”.

“...Meu Rio Vermelho é longínqua
 Manhã de agosto.
 Rio de uma infância mal-amada.
 Meus barquinhos de papel
 Onde navegavam meus sonhos;
 Sonhos navegantes de um barco:
 Pescadora, sonhadora
 do peixe-homem...”

Observa-se também, quando diz “da minha infância”, a ideia do rio como um testemunho do passado.⁴² A referência aos espaços é outra temática constante na obra de Cora, usados não só com referência à cidade, mas também como uma forma de mostrar a degradação e as mazelas existentes. Esse traço crítico e denunciador, também é perceptível em várias passagens de sua escrita.

“Becos da minha terra...
 Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
 Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
 Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

⁴²Oliveira, Márcia Batista - Cora Coralina: cartografias da memória - Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025085.pdf> - acesso em 10/11/2015

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugida,
 E semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
 calçando de ouro a sandália velha,
 jogada no teu monturo.⁴³

Para Oliveira, esse poema é uma forma clara do uso dos sentidos para recompor uma época e transmitir as emoções vivenciadas. O prefácio do livro *Vintém de Cobre* diz que Cora Coralina faz reviver em sua obra o estilo ancestral de contar “casos”, sendo sua poesia marcada pela simplicidade, e é realizada como o elo de permanência da tradição que vem dos tempos passados em busca da afirmação de uma brasilidade futura, segundo as palavras da própria autora. “Geração ponte, eu fui, posso contar.”⁴⁴

“Minha mesa pobre está florida e perfumada
 De entrada à minha casa, um aroma suave
 Incensando a sala.
 Um bule de asa quebrada, um vidro de boca larga,
 Um vaso esguio servem ao conjunto floral.
 Rosas brancas a lembrar grinalda das meninas
 De branco que acompanhavam antigas procissões,
 De onde vieram carregando seus perfumes?...
 Tão fácil. Por cima do muro da vizinha
 A roseira, trepadeira, se debruça
 Numa oferta floral de boa vizinha...”⁴⁵

⁴³ Poema “Becos de Goiás” - , Denófrio, Darcy França, Cora Coralina - Coleção Melhores Poemas- Editora Global, 2008, p. 256

⁴⁴ CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 7ª. Ed – SP: Global, 2001, p.7.

⁴⁵ Poema Coisas do Reino da Minha cidade. DENÓFRIO, Darcy França. *Melhores poemas/Cora Coralina*. 3ed.rev. e ampliada – São Paulo: Global, 2008, p.90.

Aqui já um olhar do eu lírico mais nostálgico e saudosista sobre as peculiaridades e intimidades da cidade natal. Através da frase “boa vizinhança” intui-se que a autora queria mostrar que é como se dali nunca tivesse saído, e se saiu, sua viva memória traz a nítida sensação que nada alterou, ou seja, continua uma relação visceral entre ela, a cidade e as pessoas.

1.2 – Poesia como marcas de um passado/cotidiano áspero:

Utilizando-se de trechos dos poemas que citaremos nesta parte, temos a intenção de mostrar como a poetisa ao fazer uso de uma memória prodigiosa, vai buscar elementos para apontar todas as limitações e o autoritarismo que sondavam a sociedade da época de sua infância e adolescência, especialmente os vividos segundo o seu eu lírico por ela própria. Interessante observar através desses escritos alguma coisa a respeito do tratamento destinado às crianças daquele tempo. “A infância tornou-se baliza fundamental para a montagem de sua trama de lembranças e esquecimentos.”⁴⁶

Minha infância

“Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam – eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.
Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.
Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.

⁴⁶ Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 41.

De pernas moles, caindo à toa.
 Os que assim me viam – diziam:
 “- Essa menina é o retrato vivo
 do velho pai doente”.
 Tinha medo das estórias
 que ouvia, então, contar:
 assombração, lobisomem, mula sem cabeça.
 Almas penadas do outro mundo e do capeta.
 Tinha as pernas moles
 e os joelhos sempre machucados,
 feridos, esfolados.
 De tanto que caía.
 Caía à toa...”

Aqui, pode-se considerar que existe uma narradora muito bem construída, mas que, por outro lado, se confunde muitas vezes com a poetisa, É possível também observar como ela se apropria do lugar da poesia para fazer afirmações que em outros lugares não seria possível. Para Penzani, chamam o que ela fazia de “poesia do cotidiano”, mas sua escrita fala mais de um passado íntimo comum a toda uma geração oprimida, um cotidiano áspero no qual as coisas doíam.⁴⁷ Como, por exemplo, num outro trecho do mesmo poema, em que vai detalhar mais minuciosamente o tratamento dispensado a todas as crianças da época.

“... A rua. A ponte. Gente que passava,
 o rio mesmo, correndo debaixo da janela,
 eu via por um vidro quebrado, da vidraça
 empanada.
 Na quietude sepulcral da casa,
 era proibida, incomodava, a fala alta,
 a risada franca, o grito espontâneo,
 a turbulência ativa das crianças.
 Contenção... motivação... Comportamento estreito,
 limitando, estreitando exuberâncias,
 pisando sensibilidades.
 A gesta dentro de mim...
 Um mundo heroico, sublimado,
 superposto, insuspeitado,
 misturado à realidade...”

⁴⁷ PENZANI, Renata. A doçura inventada da mulher terra – Disponível em:
http://www.revistadacultura.com.br/resultado/15-08-10/A_do%C3%A7ura_inventada_da_mulher_terra.aspx – acesso: 10/11/15

Trazer a tona esses versos, é interessante para nos fazer pensar não só sobre os valores transmitidos ao longo dos tempos, mas também refletir um pouco sobre a sociedade e a educação atual, através de como são articulados ou absorvidos pelas crianças a educação que adquire e como isso irá projetar na vida adulta. “A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização.”⁴⁸ Cora, pelo que se percebe através de seus dados biográficos, sempre considerou injusta e errônea a educação e os valores da época, fato que pode ser observado em vários trechos de seus poemas. É como se servisse da literatura para denunciar e expressar sua indignação com as desclassificações, discriminações, atitudes moralistas e reguladoras presentes na sociedade do seu tempo. No poema “Menina Mal-Amada”, ela vai falar de um costume tão usado nas escolas de sua época que era a palmatória.

“...A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência,
e mandou enérgica: estende a mão.

Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho,
Mandou de novo: estende a mão.

Eu de medo encolhia o braço.

Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!

A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,
nem respirava, intimidada.

Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias...”

Interessante, porém, é o fato que apesar de todos os traumas e indignação, Cora Coralina sempre guardava um enorme respeito pela sua escola e pela sua mestra. Para Penzani, em seus versos Cora também ensinava a gratidão.

⁴⁸ BOSI, Ecléa -Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos. 3 ed – São Paulo: Companhia das Letras, 1994 – p. 73.

“...Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
 Dei voltas ao mundo.
 Criei meus mundos...
 Minha escola primária.
 Minha memória reverencia minha velha Mestra.
 Nas minhas festivas noites de autógrafo, minhas colunas de jornais
 E livros, está sempre presente minha escola primária.”

Os versos trazidos aqui são referências que nos trazem pistas dos tempos idos. Porém, outra questão que vale a pena destacar nos trechos desse último poema, no qual a autora presta uma homenagem a sua mestra/escola, é a demonstração de que Cora tenta capturar pela memória aquilo que lhe valeu como experiência pessoal. “O indivíduo é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos de um tesouro comum.”⁴⁹

Portanto, importante ressaltar como sua poesia retraz para o eu lírico momentos que para ela foram marcantes, seja de maneira positiva ou negativa. Tanto que a dedicatória do livro *Vintém de Cobre*, é justamente à sua mestra e sua escola. “Ofereço estas páginas à minha escola primária, a única escola da minha vida, minha única mestra.”⁵⁰

1.3 – A poesia em defesa da mulher:

Muitas são as particularidades pelas quais se podem pensar a obra de Cora Coralina, que perpassa pelo religioso, telúrico, saudosista, denunciador, etc. “Em meio à ficção e à confissão, o simbólico e o referencial, o verbal e o não verbal, dialogamos com várias Coras.”⁵¹. Portanto, como admiradora da obra e da pessoa, corre-se o risco de se perder entre os versos no anseio de querer sobre tudo falar.

⁴⁹ BOSI, Ecléa - Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos. 3 ed – São Paulo: Companhia das Letras, 1994 – p. 411.

⁵⁰ CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*:meias confissões de Aninha. 7ª. Ed – SP: Global, 2001, p.17.

⁵¹ Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 12.

Porém, é preciso centrar em algumas questões, e deixar que outras fiquem à sombra, para quem sabe em oportunidades futuras sejam dali retiradas. É sabido quando se propõe a estudar essa autora, que uma das peculiaridades dos seus versos era o lado de defesa dos marginalizados, especialmente àqueles de seu convívio cotidiano. Por isso cantou as lavadeiras, o menor abandonado, o presidiário, as prostitutas, dentre outros. Mas há uma parte de sua poesia da qual não poderia ficar suprimido nesta monografia. Que é seu canto à mulher, quando Cora busca em sua memória o sexo feminino que viu ou ouviu falar, e através do seu eu lírico vai suscitar discussões de suas dificuldades e opressões, em tempos de rigidez e preconceitos. “Nasci em tempos rudes. Aceitei contradições lutas e pedras como lições de vida e delas me sirvo. Aprendi a Viver.”⁵²

Percorrendo a obra da poetiza, percebe-se muito claramente a preocupação com as mulheres de seu tempo, mas, também é patente que tinha uma necessidade própria de libertação. “Não quero mais limitação na minha vida. Fui limitada na primeira infância, fui limitada de menina, fui limitada de adolescente, fui limitada de casada e não quero ser depois de velha. Hoje, não me sinto livre, me sinto liberta.”⁵³

Talvez numa análise bem pessoal, a escolha do pseudônimo já tenha sido uma forma de se fazer diferente das mulheres de sua terra, pois, como já dito no capítulo anterior desta monografia, Cora dizia que havia em Goiás muitas mulheres com o nome de Ana devido à padroeira da cidade, daí a necessidade de ser diferente. A poesia então foi sua arma e, para concretizá-la busca rememorar através do eu lírico mulheres que fizeram parte do seu cotidiano.

⁵² Trechos do poema “Assim vejo a Vida”. Disponível em :

http://www.releituras.com/coracoralina_vida.asp - acesso 10/11/2015

⁵³ BOTASSI, Mirian. Cora Coralina conta um pouco de sua história, p. 9. Mulherio, julho 1983. In: Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 251.

Poema a lavadeira

“Essa Mulher...
Tosca.Sentada. Alheada...
Braços cansados
Descansando nos joelhos...
olhar parado, vago,
perdida no seu mundo
de trouxas e espuma de sabão
- é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.
Roupa molhada.
Dedos curtos.
Unhas enrugadas.
Córneas.
Unheiros doloridos
passaram, marcaram.
No anular, um círculo metálico
barato, memorial.

Seu olhar distante,
parado no tempo
À sua volta
- uma espumarada branca de sabão

Inda o dia vem longe
na casa de Deus Nosso Senhor
o primeiro varal de roupa

festeja o sol que vai subindo
vestindo o quaradouro
de cores multicores.

Essa mulher
tem quarentanos de lavadeira.
Doze filhos
crescidos e crescendo.

Viúva, naturalmente.
Tranqüila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu.
Enrodilhada no seu mundo pobre.

Madrugadeira.

Salva a aurora.
 Espera pelo sol.
 Abre os portais do dia
 entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.
 Enquanto a filharada cresce
 trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume
 na vasca, no gramado.
 No arame e prendedores.
 Na tina d'água.
 De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando. Vai levando.
 Levantando doze filhos
 Crescendo devagar,
 enrodilhada no seu mundo pobre,
 dentro de uma espumarada
 branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho
 da minha terra,
 faço deste pequeno poema
 meu altar de ofertas.

Muitas são as questões daquilo que pode ser considerado como parte de um universo feminino que são levantadas neste poema, especialmente para mulheres daquela época. Por exemplo, na expressão “alheada”, que pode ser tanto alheia ao mundo, mas, também privada de tudo, até mesmo dos sonhos, e se sonha, é calada como diz logo abaixo. É a demonstração, portanto, da mulher progenitora, considerado àquela época como um retrato feminino das mulheres que sem dúvida vão exercer pressão nas futuras gerações e culturas. No entanto, é muito significativo seu poema ao ressaltar essas mulheres sofridas, através de gestos e experiências, da mulher lavadeira, mãe, viúva e trabalhadora. Portanto, é a demonstração através do eu lírico da sensibilidade de Cora para discutir e colocar em reflexão o mundo a sua volta.

Na visão de Penzani, o irreparável cuidado com a voz das mulheres fez de Cora Coralina uma espécie de feminista acidental. Não tinha nome àquilo

que ela praticava o desempenhar por anos o papel social de mãe e esposa dedicada, mas, com lápis e papel em punho, ser aquela que denuncia o que sente uma mulher quando é exilada em si mesma.⁵⁴ Assim, sua Crônica vai dizer que a poetiza não foi apenas uma mulher amável, senhora de versos cândidos, mais sim, uma fortaleza feminina que lutava pelo direito de recriar com lirismo um passado de rejeição.

Outro exemplo da preocupação de Cora com as mulheres discriminadas está no poema, “Mulher da Vida”, escrito como contribuição para o Ano Internacional da Mulher, em 1975.

*“Mulher da Vida,
Minha irmã.
De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades
e carrega a carga pesada
dos mais torpes sinônimos,
apelidos e ápodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à toa.
Mulher da vida,
Minha irmã.*

Mais uma vez, se percebe através da expressão “minha”, a necessidade ou intenção de Cora de mostrar se não pertencente, no mínimo que se identificava com as mesmas e era sensível à situação. Em outra estrofe do mesmo poema, vai ressaltar a indiferença e conveniência das leis e dos homens perante a situação destas mulheres.

*“Sem cobertura de leis
E sem proteção legal,*

⁵⁴ PENZANI, Renata. A doçura inventada da mulher terra – Disponível em: http://www.revistadacultura.com.br/resultado/15-08-10/A_do%C3%A7ura_inventada_da_mulher_terra.aspx – acesso: 10/11/15

Ela atravessa a vida ultrajada
E imprescindível, pisoteada, explorada,
Nem lhe reconhece a dispensa
Nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
Que um homem a tome pela mão,
E levante, e diga: minha companheira.

É preciso dizer que este estudo dos poemas de Cora, não tem como pretensão identificar se aquela autora foi feminista e, nem realizar uma análise direcionada aos estudos de gênero. Por outro lado, pareceu inevitável falar sobre este lado da autora que não deixa de ser instigante, justamente pela cor atual que ganha aos nossos olhos. “Libertária por temperamento, sua poesia só poderia mesmo assumir este rosto.”⁵⁵ Porém, apesar do viés denunciador e de desgosto com as normas sociais vigentes da época, é preciso reconhecer que estamos falando de uma mulher que nasceu no século XIX (1889), e que indiscutivelmente estava inscrita nesse processo de subjugação às normas sociais e culturais de seu tempo. “No entanto, o que não se pode negar é que Cora Coralina construiu um universo peculiar, transitou entre o público e o privado e, em meio a tachos de doces, maternidade, literatura e vida doméstica familiar, ela desafiou várias condutas da sociedade que estabeleciam como as “mulheres decentes” deviam se portar.”⁵⁶

Assim, é possível observar em seus versos lampejos de uma mulher que carregou consigo raízes de um tempo. Veja, por exemplo, nas últimas linhas do poema, “*Mulher da Vida*”, “que um homem a tome pela mão”, ou seja, ainda aquela visão de que só através do casamento a mulher se realiza. Esse lado

⁵⁵ DENÓFRIO, Darcy França. Melhores poemas/Cora Coralina. 3ed.rev. e ampliada – São Paulo: Global, 2008, p.9.

⁵⁶ CARVALHO, Maria Meire. Cora Coralina: a poesia como ação política. Disponível em <file:///C:/Users/Daniela/Downloads/2664-7736-1-PB.pdf> - acesso 09/11/2015

patriarcal e perfeitamente compreensível em Cora, está também demonstrado no poema “Mãe”:

“Renovadora e reveladora do mundo
A humanidade se renova no teu ventre.
Cria teus filhos,
não os entregues à creche.
Creche é fria, impessoal.
Nunca será um lar
para teu filho.
Ele, pequenino, precisa de ti.
Não o desligues da tua força maternal.”

Essa é, portanto, Cora Coralina. Uma mulher para muitos considerada além do seu tempo, na verdade como pode ser observado, uma mulher plenamente inserida em sua temporalidade, e talvez por isso, muitos de seus poemas trazem a visão de alguém que usou e abusou do lirismo para se mostrar como sobrevivente de tempos difíceis.

Capítulo III

O legado de Cora Coralina

“Quem sentirá a vida destas páginas... Gerações que não de vir de gerações que vão nascer.”

Cora Coralina ⁵⁷

1 – A imortalidade da poetiza

Ao caminhar para o término desta monografia, tenciona-se pensar um pouco sobre o legado deixado por Cora Coralina. Pablo Neruda afirmava, segundo o jornalista e escritor Hélio Rocha, que de vez em quando tentam prever a morte da poesia, mas ela renasce sempiterna, iluminada e iluminadora para continuar cumprindo a sua eterna missão.⁵⁸

Assim, ao logo das pesquisas realizadas para esta monografia, percebe-se que as questões abordadas por Cora Coralina continuam em pauta e que o passar dos anos de sua morte não diminuiu o interesse pela sua obra. Pelo contrário, muitos são os trabalhos acadêmicos e ela continua a despertar o interesse de muitos. Diz Darcy Denófrio que para se avaliar a importância de um escritor é preciso verificar se sua obra está tendo ressonância nos meios acadêmicos. E segundo ela, Cora Coralina está sendo analisada em várias universidades. “Em 2006 eu cataloguei mais de vinte teses de mestrado em que a obra de Cora Coralina era o tema. Inclusive uma na Sorbônia na França e outra na Complutense de Madri.”⁵⁹

⁵⁷ Poema “*Cora Coralina, quem é você*”. DENÓFRIO Darcy. Melhores Poemas. 3ed. São Paulo. Global, 2008 p. 229.

⁵⁸ Os poetas de todos os tempos. Disponível em http://www.opopular.com.br/editorias/opinio/opini%C3%A3o-1.146391/os-poetas-s%C3%A3o-de-todos-os-tempos-1.604810?parentId=ojcTrailTitlePane_7_218528_1335442978_6476129_0 – acesso 19/11/2015.

⁵⁹ Entrevista de Darcy Denófrio ao Programa De lá Pra Cá sobre Cora Coralina, exibido em 21/09/2009 pela TV Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C0jCwXqTvtk> – acesso 20/10/2015

A autora também hoje integra seu nome em ruas, decretos e símbolos. É patronesse de diversas Academias de Letras e Artes, teatros, casas de cultura, auditórios e instituições culturais. Inspira filmes, livros poesias, festivais e espetáculos. A poetisa dá nome ao principal prêmio do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental – FICA, da cidade de Goiás. Muitos de seus poemas já foram traduzidos e há uma edição em braile de *Poemas dos becos de Goiás*. Seu primeiro livro continua lido e relido.

O livro *Moinho do Tempo* traz no prefácio que felizmente Cora pôde presenciar parte desse reconhecimento e concelebrar algumas análises que abriram caminho para a valorização de sua escritura.

Sua filha Vicência Bretas, em entrevista, diz que aos 90 anos sua mãe estaria vivendo os melhores anos de sua vida, estava publicando livros, sendo reconhecida e convidada a fazer palestras, inclusive conquistando grande exposição na imprensa televisiva. “Tinha finalmente uma vida sossegada e sentia-se feliz por fazer o que gostava sem a obrigação de cuidar dos filhos.”⁶⁰

O livro *Raízes de Aninha* também mostra como em seus anos finais ela tinha uma agenda cheia, com palestras, lançamentos de livro, viagens e homenagens, e mostra principalmente várias de suas falas ressaltando que Cora sempre manteve o otimismo e a crença de que os tempos vindouros seriam melhores. “A Cora Coralina escritora, enfim, foi reconhecida.”⁶¹

Porém, independente do assédio e de ter se tornado um nome nacional, continuou sua rotina na Casa Velha da Ponte trabalhando em seus poemas, recebendo os turistas e autografando livros.

Não faremos aqui uma listagem dos prêmios e homenagens recebidos por ela, mas, necessário se faz citar dois deles pela importância e significado. O primeiro foi o Troféu Juca Pato recebido por Cora em 1983, prêmio este que

⁶⁰ Entrevista de Vicências Bretas concedida ao jornal Correio Brasileiro em 20/08/2014 – Diversão & Arte, p. 1.

⁶¹ Brito, Clóvis Carvalho. Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p.. 401.

até hoje é um dos principais entre literários brasileiros. Para Clóvis Brito, uma distinção ímpar porque se destina ao autor que tenha publicado naquele ano livro que fomenta debate de ideias. *Vintém de Cobre* foi o livro vencedor. Outro foi sua posse à Academia Goiânia de Letras para a cadeira de número 38 em dezembro de 1984. Na ocasião, proferiu um discurso, dizendo da sua satisfação de estar ali. “Pergunto a vós todos, vale a pena viver muito? Sim meus irmãos de letras, vale a pena pelo encontro desta hora entre vós..”⁶²

Brito diz ainda que a imortalidade da poetisa inicia-se em vida, no olhar diferenciado e na sensibilidade, nas lições e exemplos que deixou. A própria Cora através do poema “Meu Epitáfio”, traça sua imortalidade.

" Morta... serei árvore,
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos. ”⁶³

⁶² Trecho de discurso proferido por Cora Coralina quando na sua posse para a Academia Goiânia de Letras. In: Raízes de Aninha..p. 415

⁶³ Poema Meu Epitáfio – Cora Coralina –Denófrío, Darcy França – Cora Coralina – Melhores Poemas, 3ª. Ed. São Paulo. Global, 2008 - p. 239

2 – O Museu Casa de Cora Coralina

A Casa Velha da Ponte, as margens do rio Vermelho na cidade de Goiás, é hoje o Museu Casa de Cora Coralina. Inaugurado em 1989, data do centenário do nascimento da poetisa, tem como objetivo preservar a memória e divulgar a sua obra.⁶⁴

É uma instituição museológica brasileira, que conserva a memória da poetisa, tendo desde peças de roupas, fotos, utensílios domésticos, livros, móveis e cartas; além do jardim nos fundos e da bica de água potável. A visita guiada começa pela cozinha, onde estão os tachos de cobre que Cora usava para fazer doces. O quarto também está como ela deixou, com vestidos pendurados na parede.⁶⁵

Em visita ao Museu, pude testemunhar que vários sentimentos são aflorados. Nostalgia, deleite e uma ponta de pesar, ao perceber como tão singela foi a mulher que ali viveu. Os versos nas paredes trazem lirismo e encanto, como o poema dedicado por Cora à *Maria Grampinho*, uma andarilha descendente de escravos que morou no porão de sua casa, com quem Cora convivera desde criança.

Coisas de Goiás: Maria

Maria. Das muitas que rolam pelo mundo.

Maria pobre. Não tem casa nem morada.

Vive como quer.

Tem seus mundos e suas vaidades. Suas trouxas e seus botões.

Seus haveres. Trouxa de pano na cabeça.

Pedaços, sobras, retalhada.

⁶⁴ Museu Casa de Cora Coralina. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/museu-casa-de-cora-coralina-2/> - acesso 23/11/2015

⁶⁵ Casa de Cora Coralina. Disponível em: <http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-go-goias-atracao-casa-de-cora-coralina> - acesso 23/11/2015

Centenas de botões, desusados, coloridos, madre – pérola, louça,

Vidro, plástico, variados, pregados em tiras pendentes.

Enfeitando. Mostruário.

Tem mais, uns caídos, bambinelas, enfeites, argolas, coisas dela.

Seus figurinos, figurações, arte decorativa,

criação, inventos de Maria.

Maria Grampinho, diz a gente da cidade.

Maria sete saias, diz a gente impiedosa da cidade.

Maria. Companheira certa e compulsada.

Inquilina da casa velha da ponte.⁶⁶

Mas, apesar de ser uma visita guiada e de ser um Museu minuciosamente elaborado para celebrar a poeta, sem dúvida é uma ótima experiência que já começa pela chegada à cidade, e depois com a construção sede do Museu que é típica da arquitetura colonial brasileira, onde as paredes de pau a pique e adobe trazem um grande frescor ao ambiente, contrastando com o clima quente da cidade.

O acervo documental reúne a maior e mais completa coleção de documentos referentes à trajetória da poetisa Goiânia. São muitos detalhes que remontam à Cora. Segundo Ângelo Osvaldo – Diretor do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAN, é como se estivesse lendo poesia vendo as janelas dessa casa, os móveis, as roupas de Cora, os seus objetos tão ligados a esse universo que ela soube traduzir em versos e em poemas inesquecíveis.⁶⁷

⁶⁶ Trecho de poesia retirado do livro “Vintém de Cobre: minhas confissões de aninha” da Global Editora

⁶⁷ Entrevista concedida para o documentário Cora Coralina: Vida e obra . Fontes Documentais do Museu Casa de Cora Coralina – 2015.

O que, no entanto, deixa a desejar são os poucos exemplares de livros da poetisa colocados à venda.

Uma crítica, muito pertinente sobre o Museu é de Claudia Barbosa Reis, que em um artigo diz que o local não define Cora na sua dimensão. Acredita que a memória da poetisa vem sendo apequenada por uma visão museal que não dá à escritora a chance de ser conhecida sem a aura mítica da velhinha que mesclava o carregar pedras com a doçura da lida cotidiana por meio da qual sobrevivia. Acredita Claudia que os dados biográficos presentes no museu suplanta sua obra. Há por exemplo, uma ênfase aos prêmios recebidos pela poetisa, fazendo como que o Museu apenas colabore/alimente para mitificar Cora, sem oferecer material para uma crítica de seu trabalho. Há em sua opinião uma tentativa em juntar Cora a Goiás Velho. “O Estado de Goiás ganhou Cora pronta, em formato ideal para a divulgação midiática, independente do desejo dos seus conterrâneos, mas não soube ainda tirar partido literário e acadêmico dessa aquisição.”⁶⁸

Fala ainda que um museu ligado à literatura, especialmente em se tratando de uma casa, deve ter como regra apresentar de forma isenta *biografia* e *obra*, no qual o universo criativo comunique com o visitante.

Trata-se de uma ressalva relevante, embora, como concorda Claudia Barbosa, não há como opor ao valor da obra de Cora Coralina, mas, também, há como já dito anteriormente nesta monografia, uma celebração (mitificação) a poeta idosa e doceira, que, por vezes, até tolhe a pesquisa e o valor de seus poemas.

3 – Documentário: Todas as Vidas:

⁶⁸ Cora Coralina em sua casa silenciosa. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2011/arquivos_pdf/artigos_cora_coralina.pdf - acesso 19/11/2015

O jornal o *Estado*⁶⁹ traz um artigo a respeito do primeiro longa *Todas as Vidas*, sobre a vida de Cora Coralina. Trata-se de um filme dirigido por Renato Barbieri e que segundo a matéria pretende mostrar a poetisa para além da imagem da senhorinha que escrevia poemas e preparava doces na casa às margens do Rio Vermelho, na cidade de Goiás.

Foi produzido como uma narrativa tecida pelas palavras de Cora e se alterna entre linguagens de ficção e documentário, contando com depoimentos de pessoas que a conheceram ou estudaram seu legado. Entre elas, Clóvis Carvalho Britto e Rita Elisa Seda, que publicaram pela Ideia & Letras, em 2009, *Cora Coralina - Raízes de Aninha*. O filme é inspirado livremente nesta biografia que já está em sua 4ª reimpressão.

Há também algumas projeções de imagens de Cora feitas através de arquivos videográficos. Ainda segundo o jornal, a ideia teria começado em 2009, quando o produtor Marcio Curi recebeu a visita de Paulo Sérgio Bretas Salles, seu amigo e neto de Cora, quando este dizia de sua vontade de que alguém realizasse um filme mais completo, que retratasse a vida e obra de Cora. Assim foi pensado o longa, que tem roteiro o qual segue uma linha cronológica dos fatos, mas não dos poemas. As filmagens foram feitas na cidade de Goiás, Jaboticabal, Penápolis e Andradina, onde ela viveu. São Paulo ficou de fora porque já está muito diferente do período em que Cora passou por aqui.

Segundo Barbieri, Cora foi uma mulher acima do normal e por isso insiste em seu legado. Ela fazia realmente a diferença. “Foi profunda, ativista, não tinha preconceitos. Cora transitava com desenvoltura dos becos aos salões. Essas figuras são diferentes.”⁷⁰

⁶⁹ Jornal O Estado. Edição de 14/08/2015 –Disponível

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,cora-coralina-ganha-filme-sobre-sua-vida,1743686> – acesso 14/11/2015

⁷⁰ Primeiro longa sobre Cora Coralina será exibido em festival neste sábado. Disponível em :

<http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/899068/?noticia=PRIMEIRO+LONGA+Sobre+CORA+CORALINA+SERA+EXIBIDO+EM+FESTIVAL+NESTE+SABADO> – acesso 14/11/2015

O filme foi exibido pela primeira vez em 15 de agosto de 2015, no 17º FICA - Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental – na cidade de Goiás. Segundo o jornal goiano *O Popular*, a plateia se emocionou e aplaudiu de pé, e o que se viu foi um filme de leveza e ao mesmo tempo didático, com uma bela fotografia assinada por Waldir de Pina.⁷¹

Para o jornal *Correio Braziliense*, a estreia do longa-metragem confirma não apenas o vínculo estrito entre a escritora e a cidade, mas também a multiplicidade da persona Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas.⁷²

Vendo a repercussão do lançamento de *Todas as Vidas*, percebe-se que não foi assunto apenas regional, mas, de outros estados do Brasil. E também, observando as falas sobre o roteiro, podemos ensejar que esta seja uma ótima oportunidade para que muitos tenham acesso à obra de Cora, além de acreditar que o filme em muito vai contribuir para quebrar essa imagem várias vezes citada nesta monografia, que é a da poeta idosa e doceira, e desta forma, possa se ver uma Cora muito mais profunda e dona de uma obra poética de grandes predicados. E assim, como disse o próprio neto da poetisa Paulo Bretas, que “sentia a necessidade de um filme que levantasse o véu que sempre encobriu a trajetória de Cora, antes de ser revelada ao Brasil pela famosa crônica de Carlos Drummond de Andrade.”⁷³

4 – A obra da poetisa

Como observado ao longo deste trabalho, Cora Coralina não se tornou uma poeta por acaso ou em um passe de mágica, nem tampouco o seu primeiro livro. De acordo com Clóvis Brito, ***Poemas e Becos de Goiás e***

⁷¹ Longa sobre Cora Coralina emociona o público na cidade de Goiás – Jornal o Popular – 16/08/2015 – Disponível em : <http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/longa-sobre-cora-coralina-emociona-p%C3%BAblico-na-cidade-de-goi%C3%A1s-1.924057> – acesso 25/11/2015

⁷² Filme sobre Cora Coralina é uma das atrações do 17º FICA, em Goiás. Jornal Correio Braziliense – Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/08/11/interna_diversao_arte,494065/filme-sobre-cora-coralina-e-uma-das-atracoes-do-17-fica-em-goias.shtml - acesso 25/11/2015

⁷³ Jornal O Estadão. Edição de 14/08/2015 –Disponível <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,cora-coralina-ganha-filme-sobre-sua-vida,1743686> – acesso 14/11/2015

Estórias Mais, livro de estreia lançado em 1965, começou a ser gerado quando a autora ainda estava em São Paulo. A partir daí, foi iniciado um longo processo de encontro com a poesia, de amadurecimento intelectual-afetivo, de gestação de sua escritura. Pode-se dizer, de acordo com os registros no acervo da autora, que os vinte e quatro poemas reunidos na primeira edição do livro foram concebidos entre as décadas de 1930 a 1960.⁷⁴ Ainda de acordo com Brito, para as próximas edições desse livro, foram anexados os poemas: *As Tranças da Maria*; *Ode às Muletas*; *Ode a Londrina*; *Mulher da Vida*; *A Lavadeira*; *O Cântico da Terra*; *A Enxada*; *A Outra Face*; *Menor Abandonado*; *Oração do Pequeno Delinquente* e *Oração do Presidiário*.

Somente dez anos após o primeiro lançamento, é publicado o segundo trabalho: **Meu Livro de Cordel**, pela Livraria e Editora Cultura Goiana em 1976. Em seu formato original possuía quarenta e três poemas e seis contos. É um livro no qual a autora homenageia os menestréis nordestinos, que para ela são “irmãos do nordeste rude”. É também nele que “ela nos apresenta a alma dos rios, das pedras, dos gestos exaustos das lavadeiras; a simplicidade da vida, do amor e da morte.”⁷⁵ “Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. Levantei uma escada muito alta e no alto subi. Teci um tapete floreado e no sonho me perdi.”⁷⁶

Se a primeira obra é aquela que lhe abre as portas para o público, é com seu terceiro livro **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**, lançado em 1983 pela Editora da Universidade Federal de Goiás, que ela vai revelar seu aspecto mais intimista, procurando recompor, segundo Brito, imagens da infância perdida em um entrelaçar de emoções passadas e presentes no ato de lembrar. “Alicerçada pela memória familiar, a memória biográfica vai projetando

⁷⁴ UM TETO TODO SEU: O ITINERÁRIO POÉTICO-INTELCTUAL DE CORA CORALINA – Clovis Carvalho Brito (UNB) – Disponível em:

<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CLOVIS%20CARVALHO%20BRITTO.pdf> – acesso 16/11/2015

⁷⁵ Meu livro de Cordel: Disponível em :

<http://bibliotecaceucaopaoredondo.blogspot.com.br/2010/08/meu-livro-de-cordel.html> - acesso 23/11/2015.

⁷⁶ Trechos do poema Das Pedras: Meu livro de Cordel – pag.

quadros da infância que se desdobram em outras fases da existência: a adolescência, a juventude e a velhice.”⁷⁷

Denófrío diz que nesse livro a voz lírica se volta para a contemplação de si mesma, é um olhar para dentro, rebuscando o seu sofrido e traumático universo interior. “Meus vestidos de menina... pregados – saia e corpo. Abotoados na cacunda. Pala rodeada de babados que eu mordiscava, mascava, estragava. Mãe ralhava.”⁷⁸

Completando suas publicações, listamos **Estórias da Casa Velha da Ponte**, livro de 17 contos reunidos, lançado pela Editora Global. Foi publicado alguns meses após sua morte, sendo o último livro que organizou. É um trabalho que segundo Norma Telles, reescreve os seus temas favoritos: as experiências das pessoas comuns, os oprimidos, os esquecidos, e a mulher aparecem em vários contos. “Histórias diferentes, peculiares e sedutoras que a inscrevem na arte tradicional dos grandes contadores de histórias.”⁷⁹

O Tesouro da Casa Velha, também lançado após sua morte pela editora Global, traz dezoito contos em que se tem o mesmo teor dos anteriores, escritos voltados para reminiscências pessoais e por pessoas de seu relacionamento, em histórias familiares. – **Villa Boa de Goyaz** foi publicado em 2001, nas comemorações do título de Patrimônio Mundial outorgado pela UNESCO à cidade de Goiás.

Ainda consta uma parte interessante e desconhecida para muitos, que são os livros de literatura para crianças desenvolvida por Cora Coralina e segundo Brito ainda pouco avaliados por críticos, sendo: **Os Meninos Verdes** e **A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu**.

⁷⁷ UM TETO TODO SEU: O ITINERÁRIO POÉTICO-INTELCTUAL DE CORA CORALINA – Clovis Carvalho Brito (UNB) – Disponível em:

<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CLOVIS%20CARVALHO%20BRITTO.pdf> – acesso 16/11/2015

⁷⁸ Trechos do poema Os aborrecimentos de Aninha.. CORALINA, Cora . Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha – 7ª ed. São Paulo – Global, 2009, p. 243.

⁷⁹ A Casa Velha da Ponte – Norma Telles – Disponível em :

http://www.normatelles.com.br/cora_coralina_a_casa_velha_da_ponte.html - acesso em 24/11/2015

A obra de Cora Coralina é hoje toda administrada por sua família que detém os direitos autorais. Em entrevista a filha de Cora e também escritora Vicência Bretas diz que ainda há muitos escritos da poeta que não foram publicados, nem disponibilizados no museu porque estão sendo organizados.⁸⁰

⁸⁰ E Entrevista de Vicências Bretas concedida ao jornal Correio Brasileiro em 20/08/2014 – Diversão & Arte, p. 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando esta monografia, quero em primeiro lugar dizer do enorme prazer que tive em trabalhar com Cora Coralina. Como já dito inicialmente, sempre fui uma admiradora de seus versos e poder conhecer sua obra mais de perto foi puro êxtase.

As dificuldades foram muitas, porém proporcional ao aprendizado. Conseguir fazer um link entre literatura e história foi desafiador, mas acredito que abordar a escritura de Cora Coralina a partir do viés da memória foi um acerto, pois, foi uma maneira de ir mostrando algumas das diversas vias que a autora usou para montar seus poemas.

Cora Coralina afirmava “ser uma mulher como outra qualquer”, porém essa é uma afirmativa longe de ser verdade. Da sua luta cotidiana para sobreviver e criar filhos concordo a faz similar a muitas outras, mas seus versos ultrapassaram as barreiras e encheram de encantos lugares longínquos. A partir de sua poética, mostrou o lado nostálgico, saudosista, otimista, mas também tratou de temas importantes como preconceitos e limitações, especialmente quando usou o lirismo conseguiu exercer uma voz de defesa em favor das mulheres e de tantos outros marginalizados como, por exemplo, os prisioneiros. Para tanto, usou dos artifícios que lhe eram cabíveis, especialmente quando criou a personagem “Aninha”, que sem dúvida lhe deu liberdade para tratar de temas difíceis. Assim, em diversos momentos se contrapôs a muitos costumes vigentes na sociedade a qual pertencia.

Seus poemas e sua vertiginosa memória nos possibilitou conhecer um pouco mais a respeito de uma visão feminina de um determinado tempo e fazer

reflexões sobre o seu tempo e a sociedade da época. Portanto, sua escrita consegue trazer para os leitores e admiradores de sua obra importantes contribuições históricas e literárias.

Para finalizar, espero que este trabalho tenha contribuído para além de se conhecer um pouco mais da obra de Cora Coralina, ser uma fonte para se desnudar o manto que paira sobre a lendária velhinha doceira, e mostrar que falamos de uma mulher que foi bem mais que isto, que é dona de uma obra que merece ser lida, relida e estudada por diversas áreas, tal é a contribuição que pode fornecer.

FONTES

- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Editora José Olympio – São Paulo, 1965
- CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 7º. Ed – São Paulo: Global, 2001
- CORALINA, Cora. *Meu livro de Cordel*. 9º. Ed –São Paulo: Global, 1976
- CORALINA, Cora. *O Tesouro da Casa Velha*. São Paulo: Global, 1989
- Cora Coralina: Vida e Obra: DVD – Fontes Documentais do Museu Casa de Cora Coralina. 2014.
- *Correio Braziliense*. Edição de 20/08/2014 - Em comemoração aos 125 de nascimento da escritora.
- O Estadão - Cora Coralina ganha filme sobre sua vida - Edição de 14/08/2015 –Disponível <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,cora-coralina-ganha-filme-sobre-sua-vida,1743686> – acesso 14/11/2015
- *O Popular* – Edição 11.883 – 12/04/1985 – Goiânia – GO.

BIBLIOGRAFIA

- Bloch, Marc, *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2001
- BOURDIEU, Pierre, 1930-202. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*: tradução de Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- BRITO Clovis Carvalho; CURADO Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene. *Moinho do Tempo – Estudos sobre Cora Coralina* - Goiânia: Ed. Kelps, 2009
- Brito, Clóvis Carvalho. *Cora Coralina: Raízes de Aninha*/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- BOSI, Ecléa - *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. 3 ed – São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- BOSI, Ecléa – *O Tempo Vivo da Memória* – São Paulo: Atelie, 2003

- BOTASSI, Mirian. *Cora Coralina conta um pouco de sua história* - Mulherio, julho 1983. In: Brito, Clóvis Carvalho. *Cora Coralina: Raízes de Aninha/Clóvis Carvalho Britto, Rita Elisa Seda. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009*

- CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*/organizadores: Sidney Chalhoub, Leonardo Affonso de Miranda Pereira – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- DENÓFRIO, Darcy França, *Cora Coralina - Coleção Melhores Poemas* - 3º. Ed. São Paulo: Editora Global, 2008,

- FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. *Do dever de memória ao dever de história: um exercício de deslocamento*. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida ET al. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro:FGV, 2012

- GAY, Peter, *Represálias selvagens; realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubere Thomas Mann* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010

- SEIXAS, Jacy Alves. *Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais*. In: *Memória e (Res)Sentimento – Indagações sobre uma questão sensível*-Organizadoras: Stella Bresciani e Márcia Naxara – Campinas, SP. Ed. da Unicamp, 2004

- BRITTO, Clovis Carvalho. *Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina*.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/14223/8146> - acesso 05/11/2150

- Casa de Cora Coralina. Disponível em: <http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-go-goias-atracao-casa-de-cora-coralina> - acesso 23/11/2015

- Cora Coralina em sua casa silenciosa. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2011/arquivos_pdf/artigos_cora_coralina.pdf - acesso 19/11/2015

- CORALINA: Reconstrução Poética da Memória - Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARLENE%20GOMES%20DE%20VELLASCO.pdf> - acesso 03/01/15.

- Comissão Camponesa da Verdade – *Relatório Final – Violações de direitos no Campo* – Disponível em: <http://www.contag.org.br/arquivos/porta1/file/site/Relatorio%20Final%20Comissao%20Camponesa%20da%20Verdade%2009dez2014.pdf> - acesso - 10/10/2015

- Entrevista de Cora Coralina e documentário - Cora Coralina no Gyn Teen da Televisão Brasil Central – produzido em 12/01/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aehtPeMs4nA> - acesso 05/01/15)

- Museu Casa de Cora Coralina.
Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/museu-casa-de-cora-coralina-2/> - acesso 23/11/2015

- Os poetas de todos os tempos.
Disponível em http://www.opopular.com.br/editorias/opinia1/opini%C3%A3o-1.146391/os-poetas-s%C3%A3o-de-todos-os-tempos-1.604810?parentId=o1cTrailTitlePane_7_218528_1335442978_6476129_0 - acesso 19/11/2015.

- OLIVEIRA, Márcia Batista – Cora Coralina: cartografias da memória: Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025085.pdf>

- PENZANI, Renata. A doçura inventada da mulher terra – Disponível em: http://www.revistadacultura.com.br/resulta1do/15-08-10/A_do%C3%A7ura_inventada_da_mulher_terra.aspx - acesso: 10/11/15

- Primeiro longa sobre Cora Coralina será exibido em festival neste sábado.
Disponível em: <http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/899068/?noticia=PRIMEIRO+LONGA+SOBRE+CORA+CORALINA+SERA+EXIBIDO+EM+FESTIVAL+NESTE+SABADO> - acesso 14/11/2015

- TELLES, Norma . *A Casa Velha da Ponte* – Disponível em: http://www.normatelles.com.br/cora_coralina_a_casa_velha_da_ponte.html - acesso em 24/11/2015